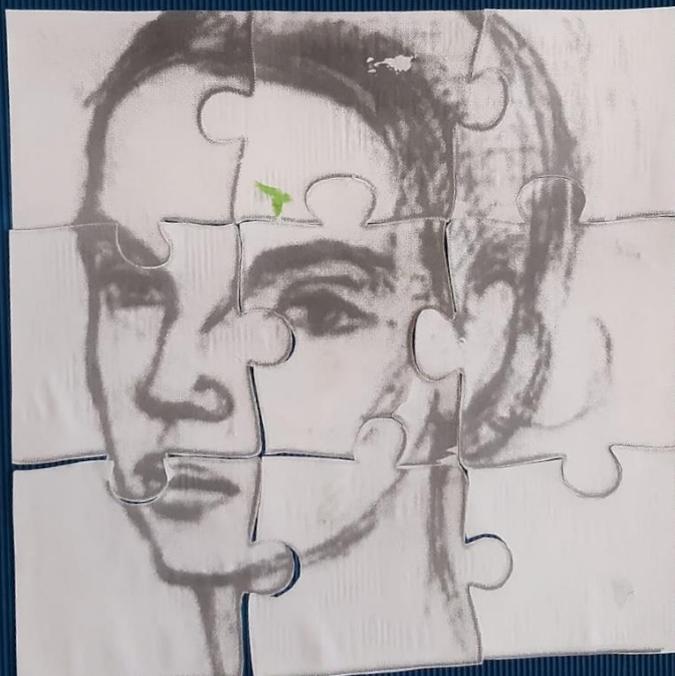


# CELEBRAR *Sophia*

100 anos depois...

E ela é...



*Compilação de textos (ebook)*

*Atividade desenvolvida nas aulas de português (2.º e 3.º Ciclos)*

## **CELEBRAR *Sophia***

**100 anos**

### **INTRODUÇÃO**

Reconhecendo a importância de Sophia de Mello Breyner Andresen (Porto, 06/11/1919 – Lisboa, 04/07/2004) na cultura e na história portuguesas e no âmbito da comemoração do centenário do seu nascimento (1919-2019), o Departamento de Português propôs a inclusão nas respetivas planificações de cada ano letivo de um momento que contribuisse para o conhecimento, a evocação e a divulgação da vida e obra da autora, nas suas múltiplas facetas.

De maneira a fazer cumprir o propósito de ***Celebrar Sophia*** foi delineada a seguinte atividade, organizada em várias etapas:

#### **1.ª ETAPA – Divulgação / Motivação**

**1.º Momento (divulgação)** -A partir de 28 de outubro até 31 de outubro, foram divulgadas frases («Quem será?», «Conheces?», «Viste na TV?», «Ela faz anos entretanto...», «Vais à festa?») e imagens da escritora pelas duas escolas do 2.º e 3.º ciclos do Agrupamento em lugares estratégicos com o objetivo de despertar o interesse.

**2.º Momento (divulgação)** – As imagens divulgadas no primeiro momento não eram de fotos completas da autora, por isso, existiu um segundo momento de divulgação / motivação que ocorreu entre os dias 4 e 8 de novembro durante o qual uma fotografia completa de Sophia de Mello Breyner Andresen foi afixada, novamente em locais estratégicos.

#### **2.ª ETAPA – Produção escrita**

Na segunda etapa, propôs-se que cada grupo/turma utilizasse como ponto de partida para redigir um texto narrativo frases e / ou versos da autora, previamente selecionados, com obrigatoriamente 100 palavras.

No 2.º Ciclo, os textos foram produzidos em grupos dentro de cada turma. No 3.º ciclo, os textos foram produzidos individualmente. Em ambos os ciclos, cada turma selecionou um texto para a representar. Este trabalho foi realizado entre os dias 11 de novembro e 22 de novembro.

Tendo-se iniciado o processo de escrita, verificou-se que, particularmente no trabalho desenvolvido nas turmas do 3.º ciclo, seria necessário permitir que os textos pudessem ter mais de 100 palavras.

### **3.ª ETAPA – Construção de um *ebook* com a compilação de todos os textos produzidos**

Como etapa final, projetou-se a construção de um *ebook* onde constassem todos os textos escolhidos pelas turmas. No decorrer do processo, decidiu-se ainda que seria possível escolher por turma um texto por Menção Honrosa.

Portanto, o presente trabalho cumpre o objetivo final da atividade. São identificadas as turmas com a publicação do texto vencedor e a referência à frase ou versos da autora que motivaram o trabalho de escrita dos textos produzidos. As menções honrosas, no caso de existirem, são publicadas após o texto vencedor.

Departamento de português

Janeiro. 2020

## 5.º A

“ Voou sobre florestas, montes, cidades e campos até que chegou a uma praia muito grande e deserta, onde se quebravam, cheias de espuma, as ondas do mar.

E foi até à orla das ondas e chamou: [...] “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A fada Oriana, Figueirinhas, 2003, p. 38*

### Texto vencedor

- Está aí alguém? Quem és tu? - perguntou Sofia.

Avançou e observou uma bela cauda de sereia. Olhou fixamente, para ter a certeza de que era uma sereia e voltou a insistir:

- És mesmo uma sereia?

-Sim, eu sou a sereia Helena. E quem és tu? -perguntou ela.

-Eu sou a escritora Sofia. - respondeu.

Conversaram durante algum tempo e quando olharam para o mar avistaram uma onda gigante. Assim que a sereia reparou na onda exclamou:

-Corre! Até que eu consiga alcançar os meus super poderes!

Sofia obedeceu imediatamente. Entretanto, avistou uma casa e chamou a sereia:

-Entra, está aqui uma casa para nos abrigarmos.

-Obrigada por teres prestado atenção aos meus conselhos! Queres viver comigo? - perguntou a sereia.

Sofia aceitou e ficaram as melhores amigas de sempre.

**[grupo n.º4]**

## 5.º C

As ondas quebravam uma a uma  
Eu estava só com a areia e com a espuma  
Do mar que cantava só para mim.

(Poema «As Ondas»)

### Texto vencedor

#### No mar

No mar vemos uma grande diversidade de animais, tubarões, golfinhos, peixes estranhos, coloridos, todos maravilhosos.

Afundo. No fundo mar, eu vejo algas, conchas minúsculas, areais estendidos e sinto-me bem acolhido, estou em casa, mas é no seu silêncio que me perco.

Subo. Sinto o vento e o Sol. Oiço o piar das gaivotas, as ondas zangadas, a agitação dos barcos, vozes no areal... O mar é grande como o Sol e transparente como a minha alegria!

Grande mar, que és bravo e ao mesmo tempo manso não devemos nós proteger-te, amar-te e salvar-te de todas as maldades humanas?

Manuel F.  
Maria Eduarda  
Gustavo S.  
Martim M.

## 5.º E

No fundo do mar há brancos pavores,  
Onde as plantas são animais  
E os animais são flores.

(Poema «No Fundo do Mar» in *Poesia*)

### Texto vencedor

#### **Nem tudo o que vemos**

Nem tudo o que vemos é o que parece.

As pessoas dizem falsidades e mentiras, só às vezes, verdades!

Fazem com que as pessoas se confundam como no fundo do mar e as emoções, dentro de nós, terminam em pavores que temos de enfrentar.

São tantas as cores que compõe o fundo do mar, mas “nem tudo o que vemos é o que parece”, às vezes, o branco da espuma, já não é branco, mas é negro ondulante.

Assim, percebemos que pessoas bondosas podem ser más e as pessoas duras, afinal, bondosas.

Mas eu peço que sejam bondosas como o mar.

Maria C.  
Matilde E.  
Simão C.  
Rodrigo B.

## 5.º F

“Em Setembro veio o equinócio. Vieram as marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite [...]”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A menina do mar**, Figueirinhas, 2004, p. 6*

### Texto vencedor

#### **A menina do mar e o marinheiro**

Certa noite, veio uma grande tempestade e uma onda muito alta empurrou um barco até à costa. Nesse barco vinha um marinheiro alto, gordinho, com um chapéu e um cachecol, e uns sapatos pretos. De repente, apareceu uma menina vinda do mar que tentou ajudar o marinheiro.

Começou por lhe perguntar:

- Estás bem?

- Sim - respondeu o marinheiro.

Começaram a conversar um com o outro e ficaram amigos. Despediram – se um do outro e combinaram encontrar-se ao pôr do sol todos os dias. E assim foi o início de uma grande amizade.

Maria M.  
Mariana P.  
Íris S.  
Santiago S.

## A herdeira do trono

Certa noite, uma menina estava a passear na praia e viu uma sereia que estava a pedir ajuda.

A menina foi ter com a sereia e perguntou:

- O que se passa?

E a sereia respondeu:

- O meu reino precisa de ajuda e tu és a única que nos pode ajudar, porque és metade humana e metade sereia.

- Como é que tu sabes ? – perguntou a menina.

- Eu sou amiga da tua mãe, sei tudo sobre ti, agora precisamos da tua ajuda o mais rápido possível! - respondeu a sereia.

Então elas foram a nadar para o tal reino. Mas havia um outro reino a tentar ficar com o das sereias por não haver um herdeiro legítimo do trono, a menina era a única herdeira mas ninguém sabia.

Perante tal situação, o reino ficou a salvo e viveram todos felizes e em harmonia para sempre.

Bianca M.  
David F.  
Gonçalo A.  
Íris M.

## 5.º G

“ Voou sobre florestas, montes, cidades e campos até que chegou a uma praia muito grande e deserta, onde se quebravam, cheias de espuma, as ondas do mar.

E foi até à orla das ondas e chamou: [...] “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A fada Oriana, Figueirinhas, 2003, p. 38*

### Texto vencedor

#### UM LINDO PASSEIO DE BARCO

E foi até à orla das ondas e chamou:

- Diogo, queres ir dar um passeio de barco comigo?

- Sim, posso ir – respondeu o Diogo.

E lá foram eles passear de barco, enquanto viam a linda paisagem iluminada pelo pôr do sol. Quando os rapazes olharam para o lado viram três lindos golfinhos a passar. Eles foram atrás dos golfinhos para ver onde eles iam e encontraram uma bela e misteriosa ilha.

Saíram do barco e foram explorar o espaço, até que encontraram uma arca antiquíssima e decidiram ver o que havia no seu interior. Então os dois rapazes, o Diogo e o José, foram buscar uma pedra e um pau e lá conseguiram abrir a arca.

Ficaram surpreendidos e quase tremiam ao ver a arca cheia de reluzentes moedas de ouro.

Sofia L.  
Tomás S.  
Vitória A.  
Yara F.  
Valentim G.

## 5.º H

“Em Setembro veio o equinócio. Vieram as marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite [...]”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A menina do mar**, Figueirinhas, 2004, p. 6*

### Texto vencedor

Certa noite vi uma coisa a brilhar na praia. Desci as escadas e reparei que era uma escama brilhante de uma sereia. Pegue nela e levei-a para casa, escondida num pote.

No dia seguinte fui ver se a escama ainda lá estava. Quando abri o pote, ela já não estava. Procurei-a pela casa inteira, mas em vão.

Fui até à praia e encontrei uma sereia. Perguntei-lhe porque estava na praia e se era uma sereia verdadeira. Ela disse que sim e que procurava a sua centésima escama.

Eu perguntei-lhe:

- Porque precisas dessa escama especial?
- Eu não consigo nadar sem ela e é a minha favorita.

Então, os dois procurámos e encontrámos a escama escondida num pequeno rochedo.

Gaspar A.  
Leonardo P.  
Mário E.  
Tomás F.

“Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A floresta, Figueirinhas, 2004, p. 17*

### Menção Honrosa

Ao fundo da floresta mágica, ela viu um cavalo voador. Era um cavalo branco, com asas coloridas e brilhantes.

Ela aproximou-se dele, fez-lhe uma festinha e viu que ele era dócil. Depois perguntou-lhe:

- Como te chamas?

- Eu chamo-me Floco de Neve.

- Oh! Que nome adorável! – exclamou a menina. – Queres vir comigo conhecer a minha família? Nós moramos perto da casa do lenhador.

- Que bom! Sim, quero ter amigos para brincar nestas tardes tão curtas de outono.

E assim aconteceu. A menina e o Floco de Neve passavam todas as tardes livres a brincar na floresta encantada.

Joana R.  
Leonor H.  
Miguel V.  
Rodrigo C.

## 6.º A

“Era uma vez, em tempos muito antigos, no arquipélago do Japão, uma árvore enorme, que crescia numa ilha muito pequenina.

Os Japoneses têm um grande amor e um grande respeito pela Natureza e tratam todas as árvores, flores, arbustos e musgos com o maior cuidado e com um constante carinho. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A árvore**, Porto Editora, 2013, p. 9*

### Texto vencedor

Nessa tal ilha, havia uma menina chamada Yuri.

Ela tinha paixão pela natureza e, especialmente, por uma árvore que encontrara no meio da ilha.

Certo dia, um homem com um machado às costas apareceu na ilha. A Yuri foi ter com ele e perguntou-lhe:

- Desculpe, o que está a fazer com esse machado, aqui?

- Vou cortar aquela árvore, pois já ninguém se importa com ela – respondeu o homem.

Yuri, em pânico, correu para a árvore e abraçou - a.

- Não a podes cortar! – disse Yuri. – É a minha melhor amiga.

O homem riu - se, mas Yuri travou - o com toda a sua força.

-Vou proteger - te para sempre.

O poder da amizade ganha sempre.

Leonor B.  
Sara S.  
Rebeka T.  
Maria C.  
Maria A.

## 6.º B

“Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A floresta, Figueirinhas, 2004, p. 17*

### Texto vencedor

Ela ficou aterrorizada ao ver que a floresta estava a arder. Rapidamente percebeu que tinha a missão de resgatar os animais da floresta a fugir daquele pesadelo. Levou os patos para o lago e os ninhos de passarinhos para bem longe da do fogo. Ajudou os veados, os esquilos, os texugos e todos os outros animais a sair.

Quando todos se encontravam a salvo chamou os bombeiros e avisou os aldeões que viviam perto da floresta. Também o veterinário da aldeia foi chamado para verificar se os animais estavam bem.

Os animais foram levados para um abrigo enquanto a floresta recuperou as suas árvores, flores e as suas cores.

A menina foi premiada pela sua bravura, por ter ajudado os animais, os aldeões e a floresta.

Gabriel H.  
Gabriel C.  
Guilherme S.  
Santiago A.

## 6.º C

“Era uma vez, em tempos muito antigos, no arquipélago do Japão, uma árvore enorme, que crescia numa ilha muito pequenina.

Os Japoneses têm um grande amor e um grande respeito pela Natureza e tratam todas as árvores, flores, arbustos e musgos com o maior cuidado e com um constante carinho. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A árvore, Porto Editora, 2013, p. 9*

### Texto vencedor

#### O japonês e a árvore gigante

Um dia, um japonês navegou até à ilha para ver a árvore gigante. Ele gostou da árvore e então disse:

- Vou passar a viver aqui!

Passou uma semana e foi testando se a ilha era segura, até que, certa vez, foi testar o solo e percebeu que ia haver um terramoto. Depois, ia haver um maremoto.

A árvore começou a mandar materiais, como metais e madeiras.

O japonês disse o seguinte:

- Esta árvore é mágica!

Dois dias depois, já havia uma barreira gigante para proteger a ilha. Depois, aconteceu o maremoto, que não destruiu nem a ilha nem a árvore.

O japonês ficou muito feliz por ter salvo a árvore.

David R.  
Tomás S.

## 6.º D

Porque os outros se mascaram mas tu não  
Porque os outros usam a virtude  
Para comprar o que não tem perdão.  
Porque os outros têm medo mas tu não.

(Poema «Porque os outros se mascaram mas tu não»)

### Texto vencedor

Porque os outros vivem rodeados de solidão mas tu não.  
Porque os outros vivem na ilusão da mentira mas tu não.  
Porque os outros roubam a liberdade e a paz mas tu não.  
Porque os outros são intolerantes mas tu não.  
Porque os outros alimentam-se de traição e ambição mas tu não.  
Porque os outros quando erram não pedem perdão mas tu não.  
Porque não és indiferente e prestas atenção,  
És persistente e solidário e os outros não.  
Porque tens paixão pela vida e outros não.  
Porque és sonhador e vives de amor e os outros não.  
Porque tu és FELIZ mas os outros não.

(Grupo / Turma)

## 6.º E

Um dia, gastos, voltaremos  
A viver livres como os animais

(Poema «Um dia»)

### Texto vencedor

#### A liberdade

A liberdade não é para todos... A liberdade é viver e ganhar; é viver e perder; a liberdade é a possibilidade pura de fazer o que queremos.

Devemos proteger a liberdade de dizer e sentir, respeitando a liberdade de todos.

Mas teremos nós essa liberdade que sonhamos? Podemos fazer tudo aquilo que desejamos? Não.

Temos apenas a esperança de um dia, um dia vivermos na liberdade sonhada, para sermos verdadeiramente livres como os animais que seguem a vida, em equilíbrio.

Por isso, mesmo gasta, atordoada e sem brilho, a esperança espreita como que a dizer um dia, um dia...

Afonso M.  
Diogo A.  
Pedro F.

## 6.º F

Porque os outros se mascaram mas tu não

Porque os outros usam a virtude

Para comprar o que não tem perdão.

Porque os outros têm medo mas tu não.

(Poema «Porque os outros se mascaram mas tu não»)

### Texto vencedor

“Porque os outros se mascaram, mas tu não” é um poema bonito que fala sobre o fingimento das pessoas com as quais nos cruzamos na nossa vida.

Essas pessoas, por exemplo, usam as suas qualidades, para se aproveitarem dos outros ou das situações, em vez de ajudarem ou serem verdadeiros com quem mais precisa.

Muitas pessoas fingem ser fortes, mas na verdade são inseguras e usam os bens matérias ou aparência para parecerem aquilo que não são.

Mas a autora diz “eu não”.

Porque eu sou o que sou, verdadeiramente forte, seguro mas sempre humilde, agradecido e amigo das pessoas.

Alexandre T.

## 6.º G

“Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A floresta**, Figueirinhas, 2004, p. 17*

### Texto vencedor

Era uma fada pálida com um vestido preto cheio de buracos, asas vermelhas e um sorriso tristonho.

A fada estava a estragar uma flor e a menina gritou, fazendo com que ela largasse uma pétala.

A fada tentou fugir, mas a menina agarrou-lhe o braço e puxou-a lentamente até si. Nesse momento, descobriu que a fada tinha uma maldição e que era necessário um ramo de uma árvore muito rara.

As duas procuraram essa árvore vários dias. Durante a busca, a fada parecia cada vez mais amável.

Finalmente, encontraram o ramo e fizeram o ritual prometido, mas nada aconteceu. Descobriram que o feitiço já tinha sido quebrado quando a menina lhe tocara no braço.

Alexandre S.  
Ana Júlia D.  
Bernardo M.  
Diana L.

## 6.º H

“Era uma vez, em tempos muito antigos, no arquipélago do Japão, uma árvore enorme, que crescia numa ilha muito pequenina.

Os Japoneses têm um grande amor e um grande respeito pela Natureza e tratam todas as árvores, flores, arbustos e musgos com o maior cuidado e com um constante carinho. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A árvore, Porto Editora, 2013, p. 9*

### Texto vencedor

Na ilha havia uma menina muito bonita chamada Suny. Era ela que cuidava daquela enorme árvore e brincava com os animais que aí se abrigavam nas noites mais quentes.

Os habitantes tinham dado o nome de “Forever Tree” por ser uma árvore especial.

Numa noite chuvosa de novembro, uns ladrões vindos do continente apareceram para cortar a árvore.

Suny estava no seu quarto e ouviu uns ruídos estranhos. Espreitou e assustou-se, pois tentavam cerrar a árvore. De imediato, chamou a polícia e conseguiu que os ladrões nada fizessem.

Ela sentiu-se muito contente e a árvore viveu para toda a eternidade, naquela ilha muito pequenina.

Ana Isabel M.  
Hélia F.  
João L.  
Martim G.

## 6.º I

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca, Porto Editora, 2017, p. 42*

**Texto vencedor (*ex aequo*)**

### **Malaquias, O SALVADOR**

Numa tarde, estava eu a cuidar dos animais da minha quinta, até que comecei a ouvir um cavalo a galope.

Quando olhei para trás vi um homem a cavalo, e perguntei:

- Quem é o senhor?

- Eu sou o conselheiro do rei, e vim com o objetivo de lhe fazer uma proposta.

- Qual é a proposta? – inquiriu Malaquias.

- A minha proposta é que vá a África e, com palavras inteligentes e tocantes, faça com que o racismo deixe de existir.

- Mas como pretende que vá para África?

- Eu vou facultar-lhe um cavalo para ir até ao porto e, quando lá chegar, embarcará até um dos países de África.

Chegado ao destino, resta-nos saber se Malaquias cumpriu a proposta.

Diogo G.  
Diogo F.  
Lucas R.  
Luíz O.

### **O velhote e o sem-abrigo**

Perante aquela proposta, o sem-abrigo respondeu:

- Eu estou disposto a correr, mas o que irei fazer?
- Vais fazer um bem precioso para o planeta, limpas as cidades de todo o mundo, aconselhas as pessoas a reduzir o uso de plástico e irás encontrar pessoas de cada continente que te irão ajudar.
- Estou disposto a fazer isso tudo, mas não tenho dinheiro para as viagens de avião, hotéis e tudo o resto, pois seria uma enorme despesa.
- Com isso não tens que te preocupar, eu sou rico e pago isso tudo. Só tens que saber andar de bicicleta.

Se quiseres saber o que aconteceu ao velhote e ao sem-abrigo dá-nos sugestões para escrever o resto da aventura.

Matilde M.  
João C.  
Matilde C.  
Daniel F.  
Julliany S.

## 7.º A

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca, Porto Editora, 2017, p. 42*

### Texto vencedor

Foi isto que disse o Capitão Tomás para todos os seus colegas e amigos. Sempre tivera o sonho de percorrer o mundo, mas nunca tivera homens dispostos a embarcar nessa aventura com ele. Assim, sete homens, cujos nomes eram Manuel, Ricardo, Afonso, Tiago, Paulo, Martim e Jorge, alinharam. Eram todos companheiros de confiança.

Embarcaram com o Capitão numa aventura incrível. Viajaram por muitos países - Itália, Dinamarca, Japão, Espanha, Portugal, Brasil, França e muitos outros. Uma viagem sempre calma e serena até que um dia, quando estavam a escutar a rádio, ouviram «Alerta!! Todos para dentro de casa e ninguém no mar!! Péssimo tempo irá chegar e os seus planos irão ter de cancelar.» Os tripulantes, ao ouvirem isto, ficaram em pânico e foram ter com o Capitão.

- E agora, o que fazemos? Como vamos continuar a nossa aventura?

- Não precisamos de continuá-la. - O único país que faltava era o da sua terra, a América, por isso regressaram a tempo da enorme tempestade que ameaçava a sua viagem. Estavam de volta a casa, ninguém acreditava que alguma vez regressassem após vinte anos de viagem, mas tudo voltara ao normal e assim estava melhor, junto das pessoas que mais amava.

Uma aventura tinha acabado e outra começara.

Inês A.

## 7.º B

“Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A floresta**, Figueirinhas, 2004, p. 17*

### Texto vencedor

A Emília tinha finalmente encontrado um sítio incrível para morar, a floresta perfeita.

A Emília era uma rapariga sonhadora e divertida que adorava a natureza. O seu grande sonho era morar numa casa na árvore, no meio da floresta. É, agora, um sonho tornado realidade.

Um dia, ela correu pela floresta magnífica, sentindo-se livre e respirando os perfumes mágicos daquele lugar. Ia ela toda contente quando viu uma pequena raposa que parecia desorientada e confusa.

- Oh! Estás perdida! Precisas de ajuda? – perguntou Emília, preocupada.

A raposa não respondeu, claro! A rapariga continuou o seu passeio, mas a raposinha começou a persegui-la. Emília chamou-a. Ela veio, recebeu uma festinha e, Emília disse:

- Já sei! Vens para casa comigo e vais chamar-te Lola!

A raposinha soltou uma espécie de latido e saltitou de alegria.

As duas novas amigas foram até uma linda clareira onde construíram a casa de sonho da Emília e onde viveram felizes para sempre.

Carla L.

## 7.º C

“ Voou sobre florestas, montes, cidades e campos até que chegou a uma praia muito grande e deserta, onde se quebravam, cheias de espuma, as ondas do mar.

E foi até à orla das ondas e chamou: [...] “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A fada Oriana, Figueirinhas, 2003, p. 38*

### Texto vencedor

Voou sobre florestas, montes, cidades e campos até que chegou a uma praia muito grande e deserta, onde se quebravam cheias de espuma, as ondas do mar.

E foi até à orla das ondas e chamou as crianças para brincarem com a Sofia que era uma criança especial, mais à frente vamos perceber a razão. Ela era muito bonita, engraçada e feliz.

Quando Sofia iniciou os estudos, apenas gostava de ler e escrever. Ela não sabia explicar o quanto gostava disso e não ligava muito às outras disciplinas, no entanto tinha boas notas. Quando chegou ao sétimo ano, um dos professores perguntou aos alunos o que queriam ser quando fossem grandes e Sofia respondeu que queria ser escritora. Nessa altura, ela não estava a ter uma fase boa em termos familiares e ninguém acreditava que um dia poderia ser escritora, mas ela nunca desistiu.

Passaram-se uns anos e Sofia ingressou na faculdade, sem nunca desistir de seguir o seu sonho. Esforçou-se tanto que conseguiu realizá-lo. Foi boa aluna, escreveu livros e fez da escrita carreira. Ficou reconhecida mundialmente, os amigos de infância que não acreditavam no seu talento ficaram orgulhosos e, hoje, comemoramos o centenário do seu nascimento.

Márcia D.

## 7.º D

“Em Setembro veio o equinócio. Vieram as marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite [...]”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A menina do mar, Figueirinhas, 2004, p. 6*

### Texto vencedor

Certa noite, saiu de uma grande onda uma garrafa de vidro com um papel lá dentro.

No dia seguinte, estava um belo dia para ir à praia dar um passeio até que uma criança de cinco anos descobriu essa tal garrafa. Entregou-a aos pais e eles ficaram surpreendidos com o que havia dentro da garrafa. No papel estava escrito: “Tu foste o escolhido”. Os pais pensaram que era uma brincadeira qualquer.

Ao fim do dia, os pais e a criança foram para casa já um pouco tarde. Quando a criança foi dormir, os pais notaram alguns ruídos do lado de fora de casa, mas não se importaram.

No dia seguinte, a criança não estava no quarto, na casa de banho, na sala, na cozinha, não estava em casa! Os pais foram à polícia, mas a polícia não sabia de nada e os guardas estiveram à procura o dia todo e não encontraram nada. Também houve dois guardas que desapareceram nessa noite.

Entretanto, no outro lado da cidade, estavam a criança e os dois polícias numa sala tecnológica onde havia tudo e mais alguma coisa. No meio do nada, apareceu um holograma onde aparecia um senhor a dizer:

- Vocês foram os escolhidos, vocês têm de descobrir o lar dos vilões. Foi então que os guardas começaram a trabalhar, mas a criança não estava a perceber nada do que estava a acontecer.

Então, os polícias localizaram o sítio onde estavam os vilões. Foram todos até lá. A criança reconheceu aquela parte da cidade mas não sabia de onde. Quando entraram na casa, ou seja, no covil dos vilões, encontraram lá dentro o pai e a mãe da criança e descobriram, por isso, que os vilões eram os pais da criança.

Eles estavam a construir uma máquina para destruir a cidade, mas a criança começou a chorar. As suas lágrimas de água do mar destruíram a máquina e curaram um feitiço que tinha sido feito de propósito para destruir a cidade

Tiago S.

## 7.º E

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca, Porto Editora, 2017, p. 42*

### Texto vencedor

- Eu consigo. Já estive em países muito perigosos e gosto de sentir a adrenalina a subir-me pelas veias.

A minha maior aventura foi quando escapei de uma carruagem em movimento, enquanto a polícia estava atrás de mim. Queres saber como foi?

Eu estava no comboio a escapar de um crime que eu tinha cometido uns dias antes. A certa altura reparei que havia dez polícias com um cartaz a perguntar:

- Por acaso viu este homem? Cuidado com ele. É muito perigoso e pode estar armado.

Quando vi que o homem do cartaz era eu, o meu coração parou. Estava assustado e a pensar no que iria fazer. Ouviu-se, então, uma voz a anunciar a próxima paragem:

- Próxima paragem: Chinatown. E eu pensei que em Chinatown havia muita confusão e que, se calhar, podia fazer a minha fuga por lá. Olhei para trás e vi os polícias muito perto a perguntar por mim às pessoas. Quando se aproximaram mais, eu corri e ia fechando as cancelas atrás de mim. Cheguei à última, pensei que ia ser apanhado. Mas olhei para o teto e vi uma escada. Subi e, à distância, vi Chinatown. Fugi.

Por isso, eu acho que devia correr o mundo consigo.

José R.

«- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e de aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo.” – disse o velho pirata ao homem.

- Mas eu não sei se estou preparado...Não acho que seja um bom grumete para esta missão...Aliás, foi graças a mim que correu mal a última operação.

- Meu jovem, achas que eu escolheria alguém que soubesse que não ia dar conta do trabalho? – perguntou o velho pirata sorrindo.

- Eu não sei...- disse o homem cheio de medo.

- É claro que não. Eu acho que tu és ótimo para esta missão e para qualquer outra. A outra correu mal por minha causa...

Nunca te deveria ter posto a fazer aquela missão só por eu ter medo. Então, aceitas?

O homem, naquele preciso momento, ficou a pensar se deveria aceitar ou não. Mas ele tinha a certeza de que era capaz de fazer aquela missão, então, aceitou.

A missão era ir a uma gruta que, contava a lenda, tinha ouro, muito ouro. Mas tinha-se de dizer a palavra mágica, senão de dentro da gruta sairia um monstro. O homem ainda não sabia as surpresas que vinham pela frente...

## 7.º G

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca, Porto Editora, 2017, p. 42*

### Texto vencedor

Foi assim que começou a maior aventura da minha vida. Ouvi a proposta e não a pude recusar.

Começou este sonho comigo, uma senhora de trinta anos, alta e elegante, sempre impecavelmente arranjada. A nossa aventura duraria meses.

Partimos de Lisboa com rumo a Madrid, a capital de Espanha, e de lá saltámos de capital em capital: Paris, Londres... Corremos a Europa toda. Mas o melhor estava ainda por vir. Quando menos esperávamos, soubemos que tínhamos condições para ir mais além, pelo que partimos para a América do Sul.

O mundo esperava por nós.

Catarina B.

## 7.º H

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca, Porto Editora, 2017, p. 42*

### Texto vencedor

#### O Pequeno Grande Sonhador

Ali estava eu, empoleirado no corrimão, a escrever sobre maresia, enquanto pensava numa frase que minha mãe tantas vezes repetia, porque a havia lido num conto: “- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo.” E eu tinha posto isso em prática.

A vida dá tantas voltas e a minha é prova disso. Estar em cima de um palco, sentir a energia que o público me transmitia, sempre fora o meu sonho. Mas, naquele momento, algo estranho se estava a passar. Nem eu sabia explicar. Alguma coisa me puxava para mudar tudo e tinha de o fazer.

Foi, então, que abandonei tudo, entrei no carro e dirigi-me para casa, peguei na minha família e fomos descobrir novos horizontes – jamais os podia deixar em casa, quando tinham sido eles o motivo da minha entrada no mundo da música.

Pedro S.

## 8.º A

“Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A floresta**, Figueirinhas, 2004, p. 17*

### Texto vencedor

Passados vários longos anos sem ter notícias do seu marido, Violeta encontra o seu nome numa lápide de um cemitério perto de sua casa. Chocada, imóvel, despedaça-se a chorar e cai em cima das poucas flores que lá deixaram.

Pouco tempo depois, Violeta anda para dentro do seu carro à procura de esperança e de mais cor para a sua vida, à espera de conseguir esquecer o seu sofrimento.

Sem sucesso, Violeta pensa na forma como iria contar a seus filhos e desiste.

Então, nesse mesmo momento, encontra-se numa das arribas mais próximas e...

Matilde S.

## 8.º B

“Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A floresta, Figueirinhas, 2004, p. 17*

### Texto vencedor

Era tão lindo que a deixava maravilhada. Aquilo que vira tinha uma subtileza inconfundível.

Ficou sentada a admirar as ondas do mar, era o momento de se acalmar e de se desligar das responsabilidades, nem que fosse só por um segundo. Ficou a escutar os sons que a natureza lhe dava.

Depois de um tempo, a sua imaginação despertou, tirou o casaco, um bloco com todas as suas anotações e também tirou uma caneta. Começou a escrever tudo o que vinha na sua cabeça. Quando acabou, leu tudo o que escrevera e aí apercebeu-se que tinha escrito uma história. A partir daí nunca mais parou de escrever. Tinha a responsabilidade nas suas mãos: transmitir ao mundo como a escrita e a poesia é importante na nossa vida.

Apaixonou-se por completo pelo mundo da escrita e da poesia. Foi premiada pelo seu trabalho enquanto escritora. Infelizmente, hoje, já não permanece entre nós, mas não é por causa disso que o seu trabalho não é lembrado.

Beatriz E.

## 8.º C

“Caminhou ao acaso na cidade desconhecida, perdido no som das palavras estrangeiras, perdido nas diferenças dos sons, da luz, dos rostos e dos cheiros, carregando o seu pequeno saco, procurando nas ruas o lado da sombra. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, “Saga” in **Histórias da Terra e do Mar**, Figueirinhas, 2006,*

p. 100

### Texto vencedor

Elisa estava perdida nos seus pensamentos, enquanto passava pelas ruas largas e frias de Paris. Tudo ali era diferente. Pensava se teria feito uma boa escolha ao deixar tudo para trás e ir até Paris. Não que fosse esse o seu sonho, pois Elisa considerava-se uma pessoa fria e obscura por não ter os mesmos sonhos que todas as outras pessoas, “Casar, ter filhos e ir até Paris”.

Tudo aos seus olhos lhe parecia bastante excêntrico: os monumentos, as casas, os cafés, até mesmo as estradas. Ela só estava ali a existir, estava ali para fugir de todo o mal que lhe tinham feito e, na verdade, que ela fez. Tinha aprendido um pouco de francês no 7.º ano, talvez...mas naquele momento estava incapacitada para ouvir e perceber o que quer que fosse. Elisa estava apenas no meio das ruas de Paris, perdida nos seus mais frios e obscuros pensamentos.

Camila S.

## 8.º D

“Caminhou ao acaso na cidade desconhecida, perdido no som das palavras estrangeiras, perdido nas diferenças dos sons, da luz, dos rostos e dos cheiros, carregando o seu pequeno saco, procurando nas ruas o lado da sombra. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, “Saga” in **Histórias da Terra e do Mar**, Figueirinhas, 2006,*

p. 100

### Texto vencedor

Ir mais além, à procura do desconhecido, a simplicidade reina no coração, e dali vem o amor e a humildade que não é uma virtude mas um dom.

À procura nas ruas o lado da sombra, porque nem tudo o que brilha tem um dom.

Se amares o próximo, vais alcançar o reino da felicidade, pois só a alcançar a felicidade dos outros é que és capaz de ser feliz. O que plantares, um dia vais colher!

Era uma vez, uma menina que tinha tudo, pois achava que o mundo girava à sua volta. Egoísta, má, convencida! Não ajudava ninguém, não tinha amigos, a amargura era tanta que só lhe restava a solidão. Na rua tinha de se esconder...Apercebeu-se de que fazia o mal e foi em busca de ser melhor e conseguiu.

Deu tudo o que tinha aos pobres e, nesse momento, sentiu o seu coração mais leve que uma pena...

Margarida F.

Um homem abordou-o, dizendo palavras bruscas numa língua estranha, que, no entanto, lhe parecia familiar. O homem sorriu e deu-lhe a mão, e os dois caminharam um bocado, parando em frente a uma casa de aspeto peculiar. Ele olhou-a com ar confuso, pois não havia porta. De repente, algo começou a tremer dentro do seu saco e tanto ele como o homem trocaram olhares confusos e abrindo o saco repararam num pequeno coração de ouro que não parava de tremer. Ele pegou nele e, lá no fundo, algo sussurrou:

- Olha para a porta!

Rapidamente, ergueu o olhar e na parede daquela estranha casa formou-se uma ranhura em forma de coração. Depois, olhando para onde estava o homem, reparou que este havia desaparecido. Ficou triste, mas não ligou, pois tinha sido engolido pela intriga. Pegando no coração, inseriu-o na ranhura e, num piscar de olhos, uma porta apareceu. Desconfiado, abriu-a e lá dentro apenas havia luz, uma luz quente e acolhedora. Entrando nessa luz, percebeu que em vez do lado da sombra andava à procura da felicidade.

Tomás B.

## 8.º E

“ Voou sobre florestas, montes, cidades e campos até que chegou a uma praia muito grande e deserta, onde se quebravam, cheias de espuma, as ondas do mar.

E foi até à orla das ondas e chamou: [...] “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, A fada Oriana, Figueirinhas, 2003, p. 38*

### Texto vencedor

- Sophia...

A Sophia estava entretida lá no mundo dela, imaginava que conseguia voar!!

- Sophia, vem para casa, anda, vamos lanchar. – disse a mãe. A Sophia, ainda entretida, não ouvia a mãe.

- Sophia, vem para casa! – continuava a mãe já a ficar preocupada. Passadas umas horas, a Sophia regressou a casa e contou à mãe o que tinha feito naquela tarde. A mãe achou estranho, mas não a questionou mais.

Passados uns dias, a Sophia perguntou à mãe:

- Mãe, hoje posso ir brincar para a floresta?

- Sophia, sabes que não gosto que vás brincar para lá.

- Ó mãe, vá lá!!...

- Ok. Pode ser, mas promete que ter cuidado.

Quando chegou à floresta, a Sophia começou a aperceber-se que aquela era a floresta do seu sonho e levada pelo vento passou por montes, cidades e campos e até foi parar à praia.

Quando chegou a casa, contou à mãe. E a mãe não acreditou. Achava que era da cabeça dela, da sua imaginação.

No dia seguinte, a mãe de Sophia decidiu ir com ela e descobriu que era tudo verdade.

Íris C.

## 8.º F

“Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.”

ANDRESEN, *Sophia de Mello Breyner, A floresta*, Figueirinhas, 2004, p. 17

### Texto vencedor

O que lhe apareceu à frente deixou-a muito assustada. Sophia de Mello Breyner Andresen estava sentada num cadeirão da sala a ver televisão numa noite de chuva e de trovoada. Sophia estava a ver um filme de terror que estava a estreiar na televisão. No início, não parecia ser terror, mas a meio do filme foi quando Sophia se assustou e começou a gritar. Foi direita ao quarto e trancou a porta. De repente, a porta destrancou-se sozinha e Sophia começou a ouvir batidas na porta, como se alguém estivesse a pedir licença para entrar no quarto, mas o mais estranho é que só estava ela em casa.

Passaram-se três horas, até que Sophia olhou para o relógio que tinha na mesa de cabeceira e eram três da manhã em ponto. Foi aí que tudo começou a piorar, a eletricidade desligou-se. Sophia foi até ao quadro ver o que se passava, mas não tinha nada de errado, então, foi à casa de banho lavar a cara. Quando ligou a torneira, começou a sair sangue. As paredes ficaram sem azulejo, o espelho embaciou-se e letras apareceram no espelho. Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas no ar.

Sophia esteve alguns dez minutos imóvel na casa de banho sem conseguir mexer-se. Depois, foi à cozinha, ao armário buscar uma tigela para cereais e, quando se virou, as janelas estavam abertas, as portas dos armários estavam abertas e o fogão estava ligado com um ovo na frigideira que estava no fogão.

Sophia arrumou tudo, tentou ligar às autoridades, mas ninguém atendeu. Quando voltou para o quarto, a sua mãe, que tinha morrido há catorze anos, estava deitada na cama à sua espera. Na manhã seguinte, Sophia de Mello Breyner Andresen apareceu morta, até hoje ninguém sabe o que aconteceu. Sophia de Mello Bryner Andresen morreu a 19/09/2007\*.

\*Data ficcionada pelo aluno.

Rodolfo P.

## 8.º G

“Caminhou ao acaso na cidade desconhecida, perdido no som das palavras estrangeiras, perdido nas diferenças dos sons, da luz, dos rostos e dos cheiros, carregando o seu pequeno saco, procurando nas ruas o lado da sombra. “

ANDRESEN, *Sophia de Mello Breyner*, “Saga” in *Histórias da Terra e do Mar*, Figueirinhas, 2006,

p. 100

### Texto vencedor

#### Uma Cidade Completamente Nova

Kevin era um rapaz alemão. Loiro, de olhos azuis, estatura baixa. Tinha 11 anos quando se mudou para Hong Kong, uma cidade que lhe era completamente nova. Mudou-se pois o pai tinha arranjado um novo emprego, lá. Era um país que o maravilhava, cheio de coisas por descobrir e de uma cultura completamente diferente.

Kevin tinha um espírito aventureiro, saíra à mãe, que, quando jovem, amava explorar, desde grutas a cidades desconhecidas, mas que considerava repletas de encanto.

Ao chegar à nova cidade, sentira diversas coisas: ânimo, medo, adrenalina. Queria sair de casa e visitar todos os lugares, apesar de não entender bem o que diziam, pois não era fluente naquela língua.

Pegou no seu pequeno saco e decidira explorar o mundo lá fora, sem medos.

“Caminhou ao acaso na cidade desconhecida, perdido no som das palavras estrangeiras, perdido nas diferenças dos sons, da luz, dos rostos e dos cheiros, carregando o seu pequeno saco, procurando nas ruas o lado da sombra.”

Os seus olhos brilhavam mais do que a luz da lua. Era tudo tão diferente, mesmo que tão igual. Mas ele era alguém, disfarçado de ninguém, naquela cidade desconhecida.

Márcia L.

## 8.º H

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca, Porto Editora, 2017, p. 42*

### Texto vencedor

#### A Viagem

Eram sete da tarde e James Cooper já conseguia ver os primeiros sinais de pôr-do-sol. Depois de correr uns bons 40 minutos, o adolescente de 15 anos estava exausto. Deitou-se na e, ouvindo o som das ondas e sentindo a areia que estava dentro das meias, James na grande viagem da qual acara de regressar:

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “ – disse o pai, enquanto estavam a jantar. Olhou de relance para um pequeno monte de revistas turísticas na cama do filho e continuou – A minha empresa quer que vá trabalhar para a África do Sul, por dois meses, e ofereceram-me um aumento, o que tendo em conta o estado financeiro em que a tua mãe nos deixou, não posso recusar. Quero saber se vens comigo.

James aceitou, não que tivesse muitas hipóteses, com a mãe e os avós (com os quais raramente falava) do outro lado do país, o pai era basicamente a sua única família. Claro que este não se lembrou de o avisar que partiriam dentro de dois dias. Foram dois dias infernais, pensou James. Depois de lavar cinco pilhas de roupa, passar horas a escolher os livros que levaria, garantir que havia malas suficientes para tudo e mais 31 coisa que James não precisava relembrar, finalmente, chegou o dia da viagem. Horas depois, descobriu que não gostava de aviões!

Quando começou a escurecer, James levantou-se e olhou para o mar. Depois de dois meses a viver naquele país exótico, o adolescente percebeu que o único de que verdadeiramente gostava era o seu.

Beatriz P.

## 8.º I

Porque os outros se mascaram mas tu não  
Porque os outros usam a virtude  
Para comprar o que não tem perdão.  
Porque os outros têm medo mas tu não.

(Poema «Porque os outros se mascaram mas tu não»)

### Texto vencedor

#### Por ti

Hoje, vou contar-vos a história de uma menina especial. Morena, com longos cabelos castanhos, olhos verdes e um sorriso lindo.

Tal como todos os outros, é uma jovem com dias bons e dias maus e é feliz, mas parece ter mais qualquer coisa.

Todos os dias a via com os fones nos ouvidos, o mesmo rabo-de-cavalo de sempre e a sorrir. Um dia, ao vê-la passar, reparei que o cabelo não estava atado, no dia seguinte já estava cortado pelos ombros, depois vinha sem os auriculares, e o passo seguinte foi deixar de sorrir. Não podia ficar indiferente. Fui falar com ela. Saí de casa e quando a vi a passar, abordei-a:

- Não tenhas medo de mim, não te vou ocupar muito, só te quero pedir para voltares a sorrir e dizer-te que quero que o faças “Porque os outros se mascaram mas tu não/ Porque os outros usam a virtude/ Para comprar o que não tem perdão./ Porque os outros têm medo mas tu não.”

Maria S.

## CEF

“Em Setembro veio o equinócio. Vieram as marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite [...]”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A menina do mar**, Figueirinhas, 2004, p. 6*

### Texto vencedor (*ex aequo*)

Certa noite, um pescador estava na sua cabana a assar um peixe que tinha pescado horas antes, quando ouviu uma voz aguda que vinha de longe e que gritava por ajuda. Assim que o pescador ouviu, saiu lançado da cabana com os seus binóculos, à procura de quem tinha ouvido. Avistou uma mulher presa nas pedras. Assim que a viu, correu na sua direção, para a poder ajudar. Pegou nela ao colo e levou-a para a sua cabana, preparou-lhe o jantar e um leite com chocolate quente. Quando chegou a hora de dormir, o pescador deixou-a dormir na sua cama, ele dormiu no chão. Quando acordaram, o pescador levou a menina para a sua casa.

Paulo S.

Certa noite Sophia de Mello Breyner Andresen e o seu marido Francisco estavam a fazer um cruzeiro. Durante o cruzeiro, o mar agitou-se quando estavam a chegar a Marrocos. O gerente do cruzeiro começou a mandar as pessoas todas para dentro do quarto e ficarem dentro da sala de estar. Francisco, como foi muito teimoso, ficou na frente do barco a beber o resto do vinho do Porto que tinha no seu copo. Eis quando, de repente, veio uma onda gigante que fez com que Francisco caísse e partisse o braço. Também fez com que todas as pessoas (cerca de 249) ficassem em pânico e quisessem regressar às suas casas. Quando chegaram a Marrocos, Sophia e Francisco tiveram que abandonar o cruzeiro para ir tratar o seu braço. Quando voltaram do hospital em Marrocos, Francisco não aproveitou mais nada do seu cruzeiro, pois estava com muito medo de lhe acontecer mais alguma coisa de mal.

Nair B.

## 9.º A

“Caminhou ao acaso na cidade desconhecida, perdido no som das palavras estrangeiras, perdido nas diferenças dos sons, da luz, dos rostos e dos cheiros, carregando o seu pequeno saco, procurando nas ruas o lado da sombra. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, “Saga” in **Histórias da Terra e do Mar**, Figueirinhas, 2006,*

p. 100

### Texto vencedor

Era um rapazinho angolano, era apenas mais uma criança que nascera para trabalhar no duro, para ter o que comer. Seus seis irmãos eram todos tão diferentes, mas todos tinham nomes iguais! Havia três Marias, uma dos Anjos, outra do Céu e a última da Fonte, e ainda mais três irmãos, todos Josés, incluindo ele. Todos tinham segundo nome, exceto este pequeno rapaz. Apesar de ser o único “Zé” apenas, considerava-se o Zé dos Sonhos. Sempre tivera desejo de partir para a Europa em busca do seu sonho. Mas isso, para seus pais, era apenas um sonho de uma criança pobre que nunca iria abandonar Angola.

Sempre sonhou que a Europa fosse um “paraíso”, até que, aos dezoito anos, parte para a aventura, sem nada, somente só, fica perdido no meio de tantos edifícios, no meio de pessoas arrogantes, e a pensar na vida que iria começar e nos anos que não veria a sua família.

Rita R.

## 9.º B

“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, O Cavaleiro da Dinamarca, Porto Editora, 2017, p. 42*

### Texto vencedor

**“- Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo”** – disse uma rapariga de cabelos loiros, observando-me dos pés à cabeça.

Eu olhei-a com estranheza. Era bonita, mas não percebi o que queria.

– E o que queres de volta?

– Eu só quero um companheiro de aventura, como tu.

– Tu deves ser corajosa, se estás pronta a viajar com um estranho que viste na rua!

– Não. Simplesmente estou farta de estar sozinha.

As suas palavras fizeram-me pensar no assunto.

– Olha, eu não te quero apressar; por isso pensa... e, se quiseres mais aventuras, encontramo-nos aqui amanhã, à mesma hora.

Depois de dizer isso, ela voltou-se e foi-se embora.

No dia seguinte, depois de muito tempo a pensar, decidi aceitar a proposta da rapariga loira. Peguei nas minhas coisas e dirigi-me ao bairro onde nos encontráramos no dia anterior.

– Estás aqui! Eu já pensava que não vinhas. Anda, o barco está à nossa espera – disse ela feliz.

Segui-a silenciosamente.

Foi assim que começou a minha grande aventura.

Veronica V.

## 9.º C

“Em Setembro veio o equinócio. Vieram as marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite [...]”

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A menina do mar**, Figueirinhas, 2004, p. 6*

### Texto vencedor

Certa noite o surfista local, Alex O'Brian, estava no bar da praia a falar com os outros surfistas numa conversa muito entusiástica:

-Vão estar ondas de trinta metros! Isto está flat há séculos, vai ser épico!

E fez-se silêncio que mais tarde foi interrompido por Alex:

- Eu vou. E vocês?

Todos abanaram a cabeça em sinal de concordância.

Chegou a manhã do dia dezasseis de setembro, tocaram os despertadores do *hostel* e os surfistas acordaram excitadíssimos. Vestiram os seus equipamentos e saíram. A praia estava vazia. Coloriram as suas incríveis pranchas e lançaram-se ao mar.

Alex era o melhor surfista daquele grupo, mas ainda não fora reconhecido a não ser pelos amigos. Naquele dia divertiram-se muito, fizeram “aéros”, “turns” “fleaters” e nem deram pelos repórteres e pelas pessoas que assistiam e que filmavam aquele ato de pura magia.

Mais tarde, todos eles foram reconhecidos pelas suas capacidades e, hoje em dia, são campeões internacionais. Foi apenas uma questão de paciência até o trabalho dar frutos.

Alexandre C.

## 9.º D

“Era uma vez, em tempos muito antigos, no arquipélago do Japão, uma árvore enorme, que crescia numa ilha muito pequenina.

Os Japoneses têm um grande amor e um grande respeito pela Natureza e tratam todas as árvores, flores, arbustos e musgos com o maior cuidado e com um constante carinho. “

*ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **A árvore**, Porto Editora, 2013, p. 9*

### Texto vencedor

Naquele arquipélago, as pessoas que lá viviam eram muito pobres e não tinham muitas condições. Ao longo do tempo, a árvore ia crescendo mais e mais, até que começou a cair um pozinho amarelo. Os japoneses estranharam, mas não fizeram nada.

Um dia, fizeram uma festa em homenagem à árvore. No final da mesma, quando se estavam todos a preparar para ir embora, um menino chocou com a árvore e começaram a cair moedas. As pessoas ficaram muito espantadas, apanharam as moedas e batizaram a árvore de Esperança.

Graças à árvore, os japoneses ficaram com algum dinheiro que lhes proporcionou a aquisição de alguns bens. Uma vez por mês, fazem uma festa para irem lá buscar mais umas moedas, pois a árvore só lhes dá dinheiro quando estão todos juntos.

Daniela A.